



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
cerimônia de inauguração da usina de biodiesel Darcy Ribeiro**

Montes Claros-MG, 6 de abril de 2009

Meus caros companheiros e companheiras de Montes Claros,
Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu querido companheiro governador do estado de Minas Gerais, Aécio
Neves,

Minha querida companheira ministra-chefe da Casa Civil, Dilma
Rousseff,

Meu querido companheiro ministro dos Transportes, Alfredo Nascimento,
que hoje, às cinco horas da tarde, vai assinar a ordem de serviço para a [BR]-
135 e para o Contorno de Montes Claros,

Meu caro José Pimentel, ministro da Previdência Social,

Meu caro companheiro Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e
Combate à Fome,

Meu caro companheiro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio Exterior,

Nosso querido companheiro ministro Paulo Bernardo, do Planejamento,
Orçamento e Gestão,

Nosso querido companheiro Geddel Vieira de Lima, da Integração
Nacional,

Nosso querido companheiro Guilherme Cassel, do Desenvolvimento
Agrário,

Nosso querido companheiro ministro das Cidades, Márcio Fortes,

Companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da
República,



Nosso querido companheiro José Múcio Monteiro, da Secretaria de Relações Institucionais,

Nosso querido companheiro Antonio Augusto Anastasia, vice-governador de Minas Gerais,

Meu caro Alberto Pinto Coelho, presidente da Assembléia Legislativa de Minas Gerais,

Governadores Jaques Wagner, da Bahia; Eduardo Campos, de Pernambuco; Cid Gomes, do Ceará; José Maranhão, da Paraíba; Ricardo de Rezende Ferração, governador em exercício do Espírito Santo; Wellington Dias, do Piauí; Wilma de Faria, do Rio Grande do Norte; Teotônio Vilela Filho, de Alagoas; e Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,

Companheiros deputados federais aqui presentes,

Luiz Carlos Porto, vice-governador do Maranhão, que representa o Governador,

Nosso querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Nosso querido companheiro Luiz Tadeu Leite, prefeito de Montes Claros, por meio de quem cumprimento os demais prefeitos da região,

Meu caro Athos Mameluque, presidente da Câmara Municipal de Montes Claros, por meio de quem cumprimento os demais vereadores da região,

Nosso querido companheiro Alan Kardec, que acabou de falar aqui em nome da Petrobras Biocombustível,

Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de Gás e Energia da Petrobras,

Demais companheiros diretores da Petrobras,

Meu caro companheiro Miguel Rossetto, diretor de Desenvolvimento Agrícola, Suprimento e Comercialização da Petrobras Biocombustível – ... arrumar menos função para esse nome aqui, porque...

Meu caro Ricardo Castelo Branco, diretor industrial da Petrobras



Biocombustível,

Meu caro Paulo Roberto,

Meu caro Júlio César Monteiro, gerente da Usina de Biodiesel de Montes Claros,

Senhora Maristela Kubitschek,

Senhor João Antônio de Moraes, coordenador da Federação Única dos Petroleiros,

Caro companheiro Leopoldino Ferreira de Paula Martins, presidente do Sindicato dos Petroleiros de Minas Gerais,

Nossa querida Teresa dos Santos de Oliveira, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar,

Só os nomes que eu li aqui já daria para eleger uns três vereadores nas próximas eleições em Montes Claros.

Meu caro Wilson Luiz da Silva, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Minas Gerais,

Senhora Lidinei Aparecida Mendes Mota, representante dos pequenos produtores rurais,

Companheiros e companheiras,

Depois de ler todos esses nomes, cansei. Eu vou dizer poucas palavras para vocês. Não vou nem ler o meu discurso porque está muito grande. Eu vou deixar o meu discurso para depois.

[Quero] apenas dizer para vocês que a inauguração desta usina da Petrobras é a realização de um sonho que foi composto em três atos. O primeiro deles foi a inauguração de uma usina igual a esta em Candeias, lá no estado da Bahia. O segundo ato desse sonho foi a inauguração de uma usina igual a esta na cidade de Quixadá, no estado do Ceará. Agora a gente completa este terceiro ato do sonho dessa política de biocombustível, inaugurando esta usina aqui em Montes Claros.



Vocês estão lembrados que foi, se não me falha a memória, em 2005 que nós viemos aqui anunciar que a Petrobras iria fazer esta usina. Pois bem, essa política de biocombustível tem uma lógica, não apenas uma lógica ambiental, [mas] uma lógica energética porque ambientalmente ela vai ser menos poluente do que qualquer outro combustível que a gente tira do petróleo ou do carvão. Ao mesmo tempo, ela tem uma lógica social e econômica muito forte. Por quê? Porque está previsto na política de biocombustível, sobretudo na política de biodiesel, a contratação de uma parte dos fornecedores da agricultura familiar para oferecer à Usina qualquer tipo de oleaginosa que tenha no lugar, seja girassol, seja caroço de algodão, seja macaúba, seja mamona, seja pinhão-manso, seja soja ou seja dendê. Qualquer coisa que produzir óleo, nós vamos comprar: sebo de animal, óleo de animal ou até óleo de cozinha.

Aqui em Montes Claros deve começar logo, logo uma cooperativa de pessoas que vão passar de casa em casa recolhendo aquele resto de óleo, depois que a gente frita o bife, que frita ovo, frita “não sei das quantas”. Muitas vezes, de forma desavisada, a gente joga ele na pia, ele vai para o esgoto, que vai para o rio e a gente vai poluindo o Planeta sem saber que estamos poluindo, muitas vezes, inocente. Agora nós vamos que ter que criar uma política de conscientização, para que nunca mais ninguém jogue o óleo de cozinha na pia ou jogue fora. Vamos guardar, que vai aparecer alguém da Usina para comprar isso, para poder produzir biocombustíveis.

Outra coisa importante é que antes, Governador, esses companheiros que hoje estão todos orgulhosos aqui – [está] cheio de camisetas escrito “macaúba” – que fazem parte de cooperativas... Antes, a macaúba servia para fazer óleo para limpeza, para fazer cosméticos, não é isso? Com o resto, se fazia a torta, se fazia a ração animal. E, muitas vezes, os companheiros tinham que ficar procurando um comprador para a sua macaúba. Possivelmente, nem sempre encontravam por um preço que fosse adequado.



Qual é a grandeza de a Petrobras ter criado uma empresa de biodiesel? Qual é a grandeza de a Petrobras ter feito uma usina aqui? Qual é a grandeza do ato daquela mulher que pegou o cartão? É porque agora vocês vão assinar contratos... Já tem 8 mil pequenos agricultores com contratos feitos pela Petrobras, portanto, com dinheiro garantido para vocês entregarem a macaúba de vocês para a Petrobras. Vocês não vão precisar mais ficar correndo atrás, porque vocês sabem que tem uma usina e, portanto, a cooperativa pode vir vender diretamente, para o cumprimento do contrato que vocês fizeram.

Essa é a coisa sagrada deste programa: gerar oportunidade de trabalho e de renda para a maioria da agricultura familiar. Se a gente não fizesse assim, amanhã poderia aparecer um grande empresário e ele, sozinho, venderia macaúba, ele sozinho venderia soja, ou ele sozinho venderia mamona, e a gente não cumpriria a função social do programa de biocombustível, sobretudo do biodiesel, que além de poluir menos o ar, garante uma renda melhor para as famílias pobres. Aquela mulher que vocês viram pegar o cartão, na hora em que marcou o cartão, na semana ela ganhou R\$ 600,00.

Ora, nós estamos ouvindo falar em crise internacional. Uma crise profunda, que vocês vêem na televisão todo santo dia. Aqui no Brasil nós sabemos que a crise chegou, mas nós sabemos também que o Brasil é um país que recebeu a crise seis meses antes [depois] de ela ter chegado em outros lugares, e ela vai acabar antes de acabar nos outros lugares. Por quê? Porque a gente poderia, em função da crise, dizer para a Petrobras: “não termine essa usina, não. Já começou a fazer, deixe aí, tire uma fotografia, que já dá até para utilizar em uma campanha. Não termine não, afinal de contas nós estamos em crise.” Ou: não vamos fazer as estradas porque nós estamos em crise; ou: não vamos fazer as casas. Ora, a primeira coisa que nós temos que ter claro é que aqui no Brasil nós temos que torcer, torcer como nunca, pedir a Deus para que essa crise desapareça na Europa, desapareça nos Estados Unidos, desapareça no Japão, porque esses países, como são os



mais ricos do mundo, eles precisam vender e comprar. E eles não estão comprando. Se eles não estão comprando, vai dificultar para os países em desenvolvimento vender para eles. Aí, nós teremos mais problemas aqui dentro.

É por isso que essa é uma crise que exige que a gente faça mais investimentos, que a gente gaste mais dinheiro em coisas que gerem empregos. Vocês viram que na semana passada nós anunciamos o lançamento de um programa de 1 milhão de casas populares. Nós vamos anunciar mais coisas para enfrentar a crise, porque nessa crise a gente não pode ficar parado.

Vocês estão lembrados de que no dia 22 de dezembro eu entrei em rede nacional para dizer ao povo que era preciso não ter medo de comprar. A gente estava vivendo que situação? Mesmo que a pessoa tivesse um pouquinho de dinheiro, essa pessoa ficava com medo de comprar por causa do noticiário, essa pessoa ficava com medo de perder o emprego, e aí deixava de comprar. Deixando de comprar, a loja não vendia; a loja não vendendo, não pedia para a fábrica; a fábrica não tendo pedidos, não produzia. Se a fábrica não produz, se a loja não vende e se a gente não compra, aí sim, é que vai acontecer o desemprego, que tanto medo coloca nas pessoas deste país. A economia é como se fosse uma roda-gigante, ela não pode parar de girar, ela tem que girar para que a gente possa fazer as coisas acontecerem neste país.

É por isso que nós tomamos medidas na segunda-feira passada. O José Alencar e o ministro Guido Mantega foram a São Paulo e anunciaram, por exemplo, a manutenção da desoneração do IPI do automóvel. Anunciamos o fim dos impostos em alguns produtos da construção civil. Por que nós fizemos isso? Para poder tornar mais fácil às pessoas adquirirem aquilo que desejam adquirir. A indústria automobilística já se recuperou, a indústria da construção civil está se recuperando rapidamente, e a nossa idéia é que a gente deve continuar fazendo investimentos para que a economia possa se recuperar



muito mais rapidamente.

Eu queria, Prefeito, aproveitar a presença de tantos prefeitos aqui – nós vamos ter um encontro com os prefeitos, aqui, e vamos poder conversar um pouco sobre a situação das prefeituras. Tem muitas prefeituras em situação, eu diria, de baixa arrecadação. Agora, vamos prestar atenção a uma coisa, vamos pensar em uma coisa: com a crise, caiu a arrecadação do governo federal, cai a arrecadação do governo estadual e cai a arrecadação das prefeituras, isso é verdade. Imaginem vocês, a nossa mãe colocando feijão no fogo para cinco pessoas e, de repente, chegam dez. Ou seja, todos nós vamos ter que comer a metade do que estava previsto a gente comer. Então, é importante que cada prefeito, cada governador e cada ministro saiba que reduziu a receita. Reduzindo a receita, vai reduzir a distribuição. Por outro lado, nós do governo federal temos feito desonerações para reativar a economia, em alguns produtos em que a arrecadação deles serve para a gente repassar para as prefeituras. Portanto, cai ainda mais o repasse para as prefeituras. Nós temos consciência de que se a prefeitura for mal, se a prefeitura estiver mal, se ela não puder fazer nenhuma obra, se ela não tiver dinheiro, a primeira coisa que vai acontecer é o corte no salário dos funcionários da prefeitura. A segunda coisa que vai acontecer é começar a piorar a qualidade da educação, a qualidade da saúde. A terceira coisa que vai acontecer é que o prefeito não vai ter obra, nem para fazer uma manilha (incompreensível) nada.

Então, nós... eu estava viajando e pedi ao meu companheiro José Alencar que fizesse uma reunião com os ministros, com a companheira Dilma, com o companheiro Paulo Bernardo, com o ministro Guido Mantega, para a gente estudar uma saída para as prefeituras brasileiras e, possivelmente, para alguns estados que estão mais no sufoco.

Esta semana nós vamos ter uma reunião, com a minha presença, e o que eu poderia dizer aos prefeitos é o seguinte: todos nós vamos ter que apertar o cinto, mas nenhum de nós vai morrer na seca, como os municípios



brasileiros já morreram durante tanto e tanto tempo. Nós vamos tentar criar as condições para isso, sempre torcendo - que a economia está dando pequenos sinais de recuperação -, sempre trabalhando com a idéia de que nós vamos ter um segundo semestre melhor do que... [ou melhor], um segundo trimestre melhor do que o primeiro, e um terceiro melhor do que o segundo, para a gente chegar no fim do ano com a situação normalizada.

No mais, eu quero me despedir de vocês dizendo o seguinte: esta usina vai prestar um serviço enorme, porque quando ela estiver na sua produção total, nós vamos ter 20 mil agricultores familiares cadastrados. Se cada família tiver mulher e três filhos, nós vamos ter mais de 100 mil pessoas envolvidas na produção de óleo para esta usina da Petrobras.

Por isso, José Sergio Gabrielli, eu não poderia deixar de terminar o meu discurso agradecendo a você e à Diretoria da Petrobras porque compreenderam, quando nós resolvemos fazer a política de biodiesel, que a Petrobras, pela credibilidade que ela tem, pela importância na economia brasileira, pela respeitabilidade que ela tem no mundo, somente a Petrobras fazendo isso é que a gente poderá olhar na cara de um agricultor e dizer: essa usina nunca vai quebrar, essa usina vai produzir, porque a garantia dela chama-se Petrobras, e a Petrobras vai dar o suporte para a gente fazer mais, novas. Eu quero levar mais algumas para o Nordeste, viu, Eduardo Campos, Marcelo Déda. A Bahia já tem, o Ceará já tem, mas a Paraíba não tem, o Rio Grande do Norte não tem. Nós estamos pensando em levar para o Nordeste mais algumas usinas para a gente garantir, na parte mais pobre da população, o direito a ter uma renda garantida.

No mais, meus companheiros e companheiras de Montes Claros, eu sabia que eu não podia ter prêmio melhor: vim aqui inaugurar; depois, choveu um pouquinho; chover... pareciam lágrimas de sorriso, não lágrimas de dor, do contentamento pelo presente que Montes Claros está ganhando.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

No mais, um abraço a todos vocês, vamos trabalhar porque temos muita coisa para fazer por este país.

Um abraço.

(\$211A)